

Ficção Dungeons & Dragons

por James Wyatt



Na Fonte

Uma Ficção de MAGIC OF INCARNUM

Thiera olhou para o sol, alto no céu do deserto. A neblina que cercava o grande monolito fez o sol parecer azul, um brilhante farol azul celeste em um profundo céu de um azul cobalto. A areia aos seus pés era igualmente azul, e os meses que ela tinha passado na sombra do monolito tinham feito os grãos de areia entrarem em todas as fenda das suas roupas.

“Eu nunca irei perder esse azul¹”, ela pensou.

Ela caminhou ao redor do monolito pela milionésima vez, arrastando as pontas de seus dedos pela a superfície impossivelmente lisa do objeto. Enquanto caminhava, ela murmurou para o monolito,

encorajando-o a revelar seus segredos para ela, de forma que ela pudesse continuar o caminho rumo ao seu destino. Ela já tinha tentado até a exaustão todos os encantamentos que sabia e todo feitiço que suas pesquisas tinham descoberto, mas sem proveito. Aquela pedra lisa era tão misteriosa agora quanto quando ela a tinha descoberto.

Ela parou e bateu seu punho contra a pedra inflexível. “‘Mistério cobalto’ de fato!”, ela gritou, sua voz assustando um urubu que tinha pousado perto. Ele levantou vôo e circulou no ar com seus companheiros.

Novamente ela repetiu as palavras que tinha ouvido, pela primeira vez, dos lábios do oráculo cego em Zhordan:

*Contemple o portal sagrado da Fonte
Através da qual todas as almas em nascimento e morte
Devem passar pelo bem ou mal. Com isso, conte*

CRÉDITOS ADICIONAIS

Escrito por: James Wyatt

Créditos da Edição Nacional

Traduzido e Revisado por: Daniel Bartolomei Vieira

Editado por: Daniel Bartolomei Vieira

Design Gráfico: Ricardo Costa

Baseado nas regras oficiais de **Dungeons & Dragons** criadas por Gary Gigax e Dave Arneson e no Design de jogo do novo **Dungeons & Dragons** criado por Jonathan Tweet, Monte Cook, Skip Williams, Richard Baker e Peter Adkinson.

D&D, DUNGEONS & DRAGONS e MAGIC OF INCARNUM são marcas registradas, propriedade da Wizards of the Coast, Inc. Todos os personagens, nomes e características são marcas comerciais registradas da

Wizards of the Coast, Inc. Este produto é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com lugares, organizações, eventos ou pessoas reais é mera coincidência.

Este material é apenas um brinde concebido pelo site Os Últimos Dias de Glória, portanto não é autorizado sua comercialização ou reprodução indevida.

www.wizards.com/dnd

www.ultimosdias.tk



*De todos que agora procuram o ar sem sorte,
Que uma vez viveram, que uma vez serão,
Ao mistério de cobalto, atados estarão.*

Como sempre, a declamação das palavras não surtiu nenhum efeito do qual ela pudesse discernir, e ela se afastou do monolito furiosa, encarando o horizonte distante como se procurasse por um pouco de inspiração.

Sua magia tinha lhe mostrado a incessante passagem pelo portão descrito no verso: almas entrando no mundo para ganhar carne no nascimento e, almas livres de sua encarnação, partindo para suas recompensas eternas. Isto ela entendeu: esta Fonte era um ponto no mundo pelo qual almas podiam passar. Mas a sua idéia havia sido diferente, e ela estava segura de poder acumular um grande poder aqui, encontrando um modo de colher as almas na suas passagens e as usar para fins asquerosos. Ela já tinha matado um necromante que tinha vindo até à Fonte com este propósito em mente – o matou e assistiu a sua alma desaparecer dentro da quietude da pedra azul.

Mas algo mais estava aqui, Thiera podia sentir isto. Esta era a razão de ela ainda estar viva e saudável, embora seus bisnetos já estivessem inclinados e grisalhos pela idade. Isto o oráculo Zhordaniano tinha lhe dito. Este monolito estava atado ao destino dela.

Mas o que ela deveria fazer?

Meses gastos neste deserto abandonado não tinham revelado a resposta àquela pergunta. Ainda assim, ela continuaria tentando descobrir a resposta. Ela se jogou ao chão, apoiando suas costas contra o monolito e contemplou cegamente por sobre as areias sem fim. A pedra cobalto estava fria ao toque, e parecia dar sustento a ela – matou sua sede e saciou sua fome, afastou o cansaço de seus ossos.

Mas não fez nada para o seu coração

Os viajantes tinham se aproximado antes que fossem registrados pelos sentidos de Thiera – uma linha de pessoas a pé conduzindo um grupo de camelos através das areias, na direção do monolito.

Thiera pôs-se de pé num salto e observou-os se aproximarem, tentando julgar se ela teria que matá-los. Nenhum deles se parecia com um necromante – na realidade, o grande guerreiro à frente da linha parecia poder ser um paladino, o que ligeiramente trouxe a segurança de volta a Thiera.

Quando o líder chegou à distância de um grito, ele ergueu sua mão para que seus companheiros parassem, alguns dos quais olharam com surpresa ao ver Thiera, assim que ela os tinha notado um momento antes. Ela tentou não parecer ameaçadora, embora ela tivesse preparado sua mente para lançar a morte sobre eles se a necessidade surgisse.

O guerreiro a chamou. Ele ergueu suas abertas mãos, embora ela pudesse ver a espada montante pendurada em suas costas. “Você é a guardiã da Fonte?”.

A guardiã? A mente de Thiera girou. Até aquele momento, ela tinha assumido que o monolito continha algum segredo que ela supostamente tinha que descobrir, e que revelaria seu próprio destino de alguma maneira e então a liberaria para segui-lo. Nunca tinha passado por sua cabeça que a presença dela aqui neste lugar era o seu destino.

Mas fez sentido. Na realidade, ela tinha aceitado o papel de guardiã sem estar consciente disto – era por isso que ela tinha matado o necromante intruso sem pensar uma segunda vez. E do seu modo oblíquo, o oráculo tinha dito muito, embora, é claro, ela não havia entendido até agora.

Ela tinha assumido a Fonte como uma parada ao longo do seu caminho pela grande jornada. Ela olhou ao redor, sem certeza de que este era o lugar onde ela gostaria de passar o resto do que já tinha sido uma longa

vida não natural.

Ela viu o guerreiro mexer-se impacientemente e se lembrou que não havia lhe respondido.

“Sim, eu sou”, ela respondeu. Para melhor ou pior, ela acrescentou para si mesma. “O que trouxe vocês até aqui?”. Ela viu um elfo no grupo mexer-se nervosamente, sua mão quase posta no cabo de sua esbelta espada.

O líder do grupo olhou por cima de seu ombro e falou silenciosamente com seus companheiros. Eles pretendiam lutar com ela, Thiera estava certa disso. Mas por que?



Thiera

“Nós viemos para abrir a Fonte”, o guerreiro gritou de volta para ela. “Eu não sinto nenhum mau em você, então eu não escolheria lutar com você. Mas se você se colocar entre nós e nossa meta, estaremos preparados para usar a força para alcançá-la”.

Abrir a Fonte? Thiera deu as costas para os intrusos e contemplou mais uma vez o monolito, sua mente em disparada. O que isso faria? Era um portal através do qual almas estavam passando livremente – mas não estava aberto?

“Mantenham suas armas embainhadas”, ela gritou de volta por cima de seu ombro, então se virou para encará-los novamente. “Antes que qualquer luta comece, deixe-me ouvir por que vocês vieram”.

O elfo claramente suspeitou de uma armadilha. Com o sabre em mãos – Thiera supôs que ele havia sacado a arma silenciosamente enquanto ela estava de costas – ele estava sussurrando com o líder do grupo. Thiera observou o líder balançar sua cabeça firmemente, então começou a caminhar na direção dela. O resto do grupo o seguiu.

Uma humana usando uma camisa solta e calça apertada seguiu o líder bem de perto, em completo acordo com o plano dele ou muito dedicada a ele para questionar. Um anão usando uma armadura pesada veio alguns passos atrás dela, e então um humano vestindo couro e carregando um arco longo pendurado em suas costas, e finalmente, o elfo, dando passos cautelosos. Eles deixaram seus camelos a uma certa distância.

“Eu sou Madhan, Cavaleiro do Cálice”, o líder disse enquanto se aproximava. Thiera já tinha ouvido falar daquela ordem de cavaleiros – eles eram dedicados a combater demônios, ela acreditava, o que fortaleceu sua impressão original sobre Madhan ser um paladino.

“Eu sou Thiera”, ela respondeu, alguma parte de si desejando ter um título para acrescentar. “Guardiã da Fonte”, ela revelou como uma reflexão tardia, embora ainda não estivesse segura do que isso significava. Madhan sorriu, e Thiera gostou dele imediatamente – o calor no sorriso dele não demonstrava desprezo. Ela devolveu o sorriso antes que ocorresse a ela que o seu papel como guardiã poderia exigir um comportamento mais imponente.

“Meus companheiros são Barak, campeão de Moradin...”, o anão acenou com a cabeça em uma reverência, “Danav do Bosque da Névoa...”, o arqueiro se curvou profundamente, “Riel dar Manis...”, Madhan indicou o elfo, que apenas olhou com desdém, “e minha companheira de juramento, Phina”. A mulher sorriu e ergueu sua mão ligeiramente, mas ao seu sorriso faltou o calor do sorriso do marido dela. Ela estava com ciúmes? Thiera sorriu – esta mulher não poderia adivinhar

que cinco gerações da sua descendência já haviam caminhado sobre a terra.

“Vocês são bem-vindos aqui”, Thiera disse, sorrindo novamente para Madhan. “Faz muito tempo desde que eu tive qualquer companhia, exceto as almas que atravessam”. Ela observou os olhos de todos saírem dela e irem até a Fonte, logo atrás de si, como se eles esperassem ver o que a visão mágica dela tinha revelado: o tráfego contínuo de almas pelo portão. “Vocês se sentarão comigo e me dirão por que vieram?”. Ela estendeu suas mãos para lhes oferecer que sentassem na areia azul ao lado do monolito.

Sem hesitar, Madhan e Phina se aproximaram para sentar-se perto de Thiera, e os outros se moveram para sentar ao lado do seu líder – todos, exceto Riel, o elfo, que caminhou lentamente pelo lado de fora do pequeno círculo formado por seus companheiros, sem jamais se aproximar muito do monolito. Barak tirou da mochila um cantil de água cheio e o passou para Madhan, que bebeu antes de passá-lo aos outros. Thiera recusou a bebida – nenhuma comida ou bebida tinha passado pelos seus lábios em anos, e ela não viu nenhuma razão para que isso mudasse agora.

Madhan tomou um segundo gole da bebida, limpou sua boca nas costas da mão, e começou a falar. “Eu irei direto ao ponto. Nós acreditamos que o mundo esteja em perigo, enfrentando uma ameaça semelhante ao que causou o estabelecimento da Fonte. A Fonte já não serve ao seu propósito original – na realidade, enquanto permanecer fechada, o mundo não terá nenhuma defesa contra os demônios que a ameaçam. Nós planejamos abri-la mais uma vez para que a magia em seu interior possa servir como uma arma contra os demônios de alma”.

Thiera encarou o cavaleiro de forma inexpressiva. Ele assumiu claramente que ela sabia muito mais do demonstrava. Entretanto, assim que ela abriu a boca para começar um fluxo de perguntas, ela sentiu um movimento no monolito atrás de si, e uma série de visões saltou para a sua mente.

Ela viu o mundo em guerra. Anjos e demônios duelando, lutando e rasgando-se uns aos outros nos céus, nos mares, em topos de montanhas e em canyons. As visões subjugaram os sentidos dela, e ela assistiu os desdobramentos por um longo momento. Então os detalhes começaram a penetrar sua mente rodopiante.

Um anjo erguendo uma espada de um brilhante azul celeste, a própria lâmina cantando com a alegria de um coro divino assim que mordida profundamente a carne de um demônio. Um demônio azul, da cor da meia-noite, uivando em loucura e tormento enquanto perfurava a asa de um anjo. Armaduras, anéis cintilantes, armas de todas as formas e

tamanhos, estandartes, mantos – todos de vários tons de azul e todos, segundo via Thiera, formados de almas.

A mente de Thiera se rebelou. Moldar armas a partir de almas? Isso era horrível – tão vil quanto qualquer propósito que o necromante que a visitou tinha planejado. Assim como o pensamento que se formou em sua mente, a visão mudou. Ela viu as almas, que formavam o peitoral de um anjo, gritando em tormento assim que uma lâmina demoníaca passou por elas. E então ela testemunhou um processo que deve ter levado anos, talvez séculos, mas isso passou diante de seus olhos por um instante: os anjos mudaram, deformados pelos seus trabalhos malignos, até que estivessem indistinguíveis dos demônios com quem eles lutavam.

Naquele momento, ela entendeu. O mistério da Fonte estava aberto para ela. A Fonte tinha sido estabelecida para prevenir o mal que esses anjos e demônios tinham forjado em muitas eras passadas: Seu propósito era impedir que as almas fossem usadas como ferramentas e gado em sua guerra. Contanto que a Fonte estivesse intacta, as almas poderiam passar deste mundo para o próximo, mas a energia delas não poderia ser explorada.

Os olhos dela sacudiram ao redor do azul que manchava a areia, do céu de cobalto e do monólito às suas costas. A Fonte não era perfeita – a energia das almas vazava ao seu redor, muito abundante para ser contida. Ela vazava pela terra em baixo de si e preenchia o céu. Aqui neste lugar, a energia era real o suficiente para se tocar – dar forma, moldar.

Incarnum². O nome se formou em sua mente e ela disse isto, quase em voz alta. Almas dando substância. Mas não almas – somente o resíduo delas, a impressão delas deixadas em sua passagem. Era o bastante.

Ela focalizou sua mente por um momento, descuidada dos olhos fixados em si, e a areia azul começou a se mexer. Tentáculos de névoa azul formaram-se ao redor de sua mão e se estenderam a partir dela, obedecendo a cada comando mental seu. Um pouco mais de concentração e a névoa se condensou em um brilhante aço azul, um pesado martelo-de-guerra em sua mão. Ele pulsava com

poder e parecia ressonar com algo profundo na própria alma de Thiera.

O elfo, Riel, saltou para trás, o sabre saltando de volta para sua mão. “Madhan”, ele disse em voz baixa. “Eu disse a você...”

Mas o líder ergueu uma mão e manteve-se sentado ao lado de Thiera. Os outros continuaram a observar assombrados, embora eles se movessem pouco à vontade, prontos para saltarem de pé.

Thiera levantou-se lentamente, e Madhan se juntou a ela, seguido pelo resto dos seus companheiros. “Se a Fonte for aberta”, ela disse, “este poder se espalhará. O que eu faço aqui será possível em qualquer lugar, e todas as pessoas – não somente aquelas de boas intenções – poderão utilizar-se da magia encarnada. Ela será usada para mal. E alguns repetirão os antigos males: não contentes em trabalhar com a magia encarnada, eles moldarão as almas para realizar os seus desejos mais uma vez”. Ela encarou Madhan, que devolveu o olhar sem piscar. “Um mal terrível será feito com isto”.

“O mal que consome almas subjugará o mundo se não abriremos a Fonte”, disse Madhan.

Como em resposta às palavras dele, um som baixo, parecido com um distante coro de gemidos e uivos, estourou atrás deles, do outro lado do monólito. Eles se voltaram para o som e observaram enquanto um portal se abriu no ar. Através do portal mágico saltou um guerreiro demoníaco,

2,40 m de altura, com a pele de um tom roxo avermelhado e monstruosos chifres curvados, usando uma armadura cor de azul meia-noite e coberta com centenas de faces atormentadas. Sua espada montante era a fonte do som – ela também era adornada com faces, as bocas abertas e seus gritos e gemidos produzindo um coro fantasmagórico.

O barulho aumentou assim que a espada cortou o ar e fatiou Riel dar Manis completamente pela metade.

“Este portal não será aberto”, o demônio disse, sua voz como se três homens falassem ao mesmo tempo. “Guardiã da Fonte” – ele apontou sua lâmina para Thiera – “faça o seu dever!”.

Madhan não hesitou, saltando na direção do demônio, sua própria espada saltando para as suas mãos com um flash ofuscante de luz prateada. Barak e Phina lançaram feitiços que resvalaram no seu novo



Os heróis diante da Fonte

inimigo, enquanto Danav armou três flechas de uma vez e as atirou contra a garganta do demônio.

Thiera sentia como se estivesse flutuando fora do tempo, assistindo a batalha começar em uma lentidão agonizante. Ela entendeu agora o que tinha sido escondido dela, como se a Fonte tivesse esperado por este momento para revelá-lo a ela. Por que? Por que ela havia ignorado suas solicitações por meses, somente revelando todos os seus mistérios agora?

Porque ela queria ser aberta, ela pensou. Esta raça de demônios quis que ela ficasse fechada porque eles tinham encontrado, de alguma maneira, um caminho através dela. A espada e a armadura desse demônio eram claramente constituídas de almas em tormento. Então a Fonte tinha falhado e não servia a nenhum propósito agora, exceto impedir que os defensores da terra fossem apossados pela magia encarnada.

Se o demônio esperava ter ganhado a ajuda dela invocando o seu dever, ele logo se desapontaria extremamente, ela pensou. Thiera puxou mais da magia encarnada ao seu redor, formando um corpo angelical ao redor de si, erguendo-a ao ar com asas azul celeste. Com a força de um vingador divino, ela se abateu sobre o guerreiro demoníaco, balançando seu encarnado martelo-de-guerra poderosamente.

Um poder surgiu através das veias de Thiera e pulsou dentro dela. Por isso eu estou viva, ela disse para si mesma, por isso eu estou aqui.

Em questão de segundos, o demônio caiu morto aos seus pés, e Madhan ajoelhou-se ao lado dela. Thiera estava vagamente atenta a Barak que cuidava de um extremamente ferido Danav, e de Phina que a observava com um olhar de temor no rosto. Mas ela os ignorou e virou-se uma última vez para encarar a Fonte.

O poderoso martelo em suas mãos zumbia em exultação, ecoando o triunfo que preenchia o próprio coração de Thiera.

“Eu sempre fui boa”, ela disse em voz alta, “mas agora eu sou mais – eu sou feita de carne boa, de boa encarnação. Eu sempre lutei pelo que é bom, mas agora eu lutarei com armas feitas dos desejos e lembranças de todos aqueles que compartilham minhas convicções”. Ela levantou seu pesado martelo-de-guerra e então o atirou por cima de seu ombro. “Deixe a bondade prevalecer!”, ela gritou, lançando o martelo-de-guerra pesadamente contra a Fonte.

Uma grande rachadura se estendeu como um

trovão pela face do monolito, e um relâmpago cruzou o claro céu azul. Thiera se lançou para trás e arremeteu o martelo mais uma vez, e mais outra – mais dois estrondos de trovão, dois mais flashes de relâmpago, e então a Fonte se quebrou.

Primeiro ela implodiu, como um edifício caindo para dentro de si mesmo, mas silenciosamente – pelo menos pareceu assim depois dos estrondos ensurdecedores dos golpes que Thiera tinha desferido.

Mas então um rugido poderoso de vento causou uma explosão de areia e pó e de uma rodopiante névoa azul, explodindo em todas as direções. Madhan lançou seus braços para cima de sua cabeça, Phina gritou e Barak tentou proteger o corpo de Danav, mas Thiera permaneceu resoluta em sua força total.

Passou-se um momento, e o silêncio caiu sobre o deserto. A força da explosão tinha tirado o avatar angelical que estava ao redor dela e fez o martelo-de-guerra dissolver-se em suas mãos, mas Thiera estava incólume. Ela se levantou da extremidade de uma cratera, o pouco de areia azul que restou do grande monolito que havia estado naquele local por milhares e milhares de anos.

Esté feito, pensou Thiera. A Fonte está aberta e o mundo nunca mais será o mesmo.

Ela olhou para suas mãos. Fios de névoa azul ainda agarrados a elas, e assim que ela olhou, eles moveram-se novamente em resposta aos pensamentos dela, indicando as infinitas possibilidades que agora estavam ao seu comando.

Ela falou em voz alta, um sorriso começando a se mostrar abaixo de seus brilhantes olhos azuis, assim que ela pensou no seu destino. “E nem eu serei!”.

1 – “blue” em inglês também pode significar “tristeza” ou “melancolia”. Sendo assim, ela também pode estar querendo dizer algo como “Eu nunca irei perder essa melancolia”. (NT)

2 – “incarnum”, em latim, é um derivado de *incarnare*, ou seja, encarnar, incorporar-se de uma entidade, tomar sua forma. Segundo dicionário Aurélio. (NT)